

Nota de pesar e de amizade por Afrânio Garcia Jr (para informativo da ABA)

José Sergio Leite Lopes

É com grande pesar e tristeza profunda que manifesto meus sentimentos pela perda do antropólogo e grande amigo Afrânio Garcia Jr. O pedido de nosso amigo comum Alfredo Wagner de Almeida para que eu fizesse uma nota para o informativo da ABA me impeliu a fazê-la menos sob o modo institucional e mais de forma subjetiva: com efeito minha amizade com Afrânio ao longo da vida me impõe a sensação de estar fazendo meu próprio obituário parcial, tal o paralelismo de nossa trajetória comum ao longo da vida.

Conheci Afrânio durante nossa convivência no Colégio de Aplicação da UFRJ (então da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil) na primeira metade dos anos 60. Afrânio foi aluno daquele colégio experimental do então ensino secundário entre 1959 e 1965, notório bom aluno aplicado, onde foi precocemente, desde o 4º ano ginásial, presidente do Grêmio e grande animador das atividades extraclasse daquela escola.

Estudamos juntos para fazermos o vestibular para Economia, na Escola de Sociologia e Política da PUC-RJ, sem frequentarmos os cursos pré-vestibulares. Pelo fato de minha família estar residindo em Paris em decorrência de um convite universitário para que meu pai lá lecionasse, pensei em fazer o ciclo básico da graduação em Economia da Universidade de Paris, e o convidei para que também o fizesse, nas condições favoráveis da residência familiar. Como meu pai estava “pendurado” pelos IPMs da ditadura militar na Faculdade Nacional de Filosofia e no ISEB, sendo então acolhido no departamento de Física da Universidade de Paris, convivemos naquele período com a rede de exilados que estavam naquela cidade tanto da geração de meus pais como de doutorandos mais próximos de nossa geração, como Moacir Palmeira, Marco Aurélio Garcia, Bete Lobo, José Almino Alencar, entre outros.

Com a volta temporária de minha família ao Brasil no início de 1967, quando ainda estávamos no primeiro ano da Faculdade em Paris, conseguimos alguns meses de estadia no convento dos dominicanos, outros meses numa “chambre de bonne” sem aquecimento, para finalmente, com a aproximação do inverno, nos matricularmos, para o 2º ano, no novo campus da Faculdade de Economia em Nanterre onde havia uma residência universitária. Lá atravessamos a experiência do maio de 1968 que nos marcou, e que afetou particularmente a Afrânio, ao conhecer Marie-France Parpet, também estudante de Economia, naquela residência universitária, e que se tornou sua companheira de vida. O casal após viver os vinte e tantos no Brasil, onde ambos fizeram suas carreiras como antropólogos sociais, acabou tendo a oportunidade de se estabelecerem em instituições de pesquisa na França desde a segunda metade dos anos 90.

Na volta ao Brasil no final de 1968, ambos terminamos a graduação em economia na Escola de Sociologia da PUC-RJ, onde viemos a ser colegas de atividades nucleadas no diretório acadêmico, que também seguiriam posteriormente para a antropologia, como Alfredo Wagner, João Pacheco de Oliveira, Terri Aquino. Entramos após a faculdade para o mestrado no Programa de Antropologia Social do Museu Nacional, onde Marie France, após terminar sua graduação em Nanterre, veio se juntar a nós em seguida. Tivemos a oportunidade de sermos todos orientados de Moacir Palmeira e participarmos de projetos de pesquisa na área da *plantation* canavieira e em outras áreas do Nordeste, como foi o

caso do Projeto Emprego e Mudança Social no Nordeste, que teve um papel importante para a estabilização institucional do PPGAS do Museu Nacional.

Em 1977 entramos para a primeira turma do doutorado do PPGAS/MN e ao mesmo tempo como professores assistentes naquele Programa em 1978, após a realização de concurso público no ano anterior.

Afrânio iniciou suas pesquisas em antropologia econômica e sociedades camponesas. Seus livros *Terra de Trabalho e O Sul, caminho do roçado*, e depois *Libres et Assujetés*, baseados em pesquisa de campo em Pernambuco e na Paraíba, tornaram-se referências fundamentais sobre campesinato e migrações entre o Nordeste e capitais do Sudeste. Partilhava seus trabalhos com equipes que desenvolviam etnografias de longa duração. Ao mesmo tempo com Luiz de Castro Faria iniciou suas pesquisas sobre pensamento social brasileiro que foram importantes para que desenvolvesse seus estudos sobre a reconversão das elites agrárias para profissões intelectuais e políticas nas grandes capitais do país.

Foi também assessor educacional da Federação dos Trabalhadores Rurais do Estado do Rio de Janeiro (FETAG-RJ) entre 1978 e 1983, atividade proporcionadas em decorrência de contatos de pesquisa em áreas do campesinato através de mediadores sindicais.

Desde 1983 Afrânio e Marie France fizeram períodos de estudos pós-doutorais junto ao centro de pesquisa coordenado por Pierre Bourdieu na Ecole des Hautes Etudes de Paris (EHESS), centro ao qual continuaram ligados ao longo dos anos. Em 1996 se vincularam profissionalmente a instituições de ensino e pesquisa na França, Marie-France ao Institut de Recherches Agronomiques (INRA) e Afrânio à EHESS, onde foi aprovado por concurso, no processo seletivo promovido pela assembleia de pares dos diretores de ensino e pesquisa da École. Foi convidado por Ignacy Sachs para co-dirigir o Centre de Recherches du Brésil Contemporain (CRBC), onde desenvolveu atividades de pesquisa e ensino e de direção institucional acadêmica, tornando-se referência de grande importância dentre os especialistas do Brasil nas Ciências Sociais tanto na França como no Brasil. Sua atuação na École atraiu inúmeros pós-doutorandos brasileiros e franceses que resultou na formação de pesquisadores de diversas especialidades e orientações metodológicas e de matizes ideológicas. Coordenou até o fim da vida o Groupe de Reflexion sur le Brésil Contemporain ponto de atração de redes de pesquisadores sobre temáticas relacionadas ao país, com sua generosidade de acolhimento e perspicácia de orientação. Coordenou o número “Droit, politique et espace agraire au Brésil” da revista *Etudes Rurales*, que contribuiu para consolidar a produção de seus pares pesquisadores da *plantation* e da antropologia da política no espaço acadêmico francês. Instituiu a cátedra Sergio Buarque de Holanda da Maison des Sciences de l’Homme de Paris, iniciativa em colaboração com a diplomacia brasileira no período da assessoria de relações exteriores da Presidência da República de Marco Aurélio Garcia.

Seu legado inclui também seu investimento em história social dos intelectuais através de seus artigos sobre as trajetórias de Nelson Werneck Sodré, Celso Furtado, Fernando Henrique Cardoso, Stefan Sweig, além de seu incentivo na formação de grandes pesquisas empíricas sobre bolsistas e pesquisadores brasileiros através dos bancos de dados da CAPES e do CNPq, envolvendo equipes dos departamentos de educação da Unicamp, da USP, além do Museu de Astronomia do MCT e do Colégio Brasileiro de Altos Estudos da UFRJ. Sua colaboração com esta última instituição deixou um projeto original sobre a

história dos brasilianistas e a coordenação de uma pesquisa de história social do Colégio de Aplicação da UFRJ, com estudos quantitativos por meio de questionários com ex-alunos e artigos sobre os docentes do Colégio, reunidos em livro prestes a ser publicado. Também colaborou intensamente com o Programa de Memória dos Movimentos Sociais (Memov/CBAE/UFRJ) desde 2013.

Nossa amizade ao longo dos anos envolveu as respectivas famílias de origem assim como suas filhas com Marie France, e os meus filhos com Rosilene Alvim, nas gerações seguintes.

Esta trajetória exemplar deixa suas marcas para as gerações presentes e futuras, num processo ativo de amplo reconhecimento.

Sua trajetória através de entrevistas no formato audiovisual pode ser consultada no site do Memov, em <https://memov.org/site/colecao-trajetorias-serie-afranio-garcia-junior/>